

## HONORES MUTANT MORES

Perguntam-me com frequência se a igualdade de género é uma realidade na matemática.



SÍLVIA BARBEIRO  
Universidade  
de Coimbra  
[silvia@mat.uc.pt](mailto:silvia@mat.uc.pt)

A primeira Medalha Fields foi entregue em 1936, mas até 2014 nenhuma mulher tinha recebido esta distinção. A iraniana Maryam Mirzakhani, que faleceu precocemente com apenas 40 anos em 2017, foi até agora a única mulher a ganhar uma Medalha Fields. Este prémio, cujo nome homenageia o matemático canadiano John Charles Fields, é considerado uma das maiores honras que um matemático pode receber. Desde 1950 é concedido a cada quatro anos e premeia dois, três ou quatro matemáticos com menos de 40 anos de idade. Dos 60 laureados até hoje, 59 são homens.

No passado dia 19 de março, a Academia Norueguesa das Ciências e das Letras anunciou ao público que o Prémio Abel, um dos mais prestigiados prémios no campo da matemática, distinguiria a cientista norte-americana Karen Keskulla Uhlenbeck. Pela primeira vez, foi galardoada uma mulher. Além do reconhecimento, o prémio tem o valor monetário de seis milhões de coroas norueguesas (cerca de 619 mil euros). O Prémio Abel, criado em homenagem ao matemático norueguês Niels Henrik Abel, é concedido anualmente desde 2003 para destacar avanços importantes na matemática. Dos 20 laureados, 19 são homens.

O reconhecimento profissional e os prémios deveriam ser alheios à condição e ao género. Essa é a minha experiência pessoal. A nível profissional, não me recordo de haver sido discriminada pelo facto de ser mulher. Contudo, a disparidade dos números leva-me naturalmente a pensar que a igualdade de oportunidades ainda não é uma realidade.

Se, por um lado, relatórios recentes da OCDE destacam positivamente Portugal pela percentagem de mulheres

com formação universitária em áreas STEM (acrónimo de Ciência, Tecnologia, Engenharia e Matemática), por outro lado, revelam que as mulheres têm menos oportunidades de carreira do que os homens e com as diferenças salariais entre géneros para o mesmo tipo de trabalho persistirem. Há ainda um caminho a percorrer para a concretização da igualdade de género.

Nos próximos dias 22 a 24 de julho vai decorrer na Cascais o primeiro congresso em Portugal da série *Women in Mathematics Meeting*. Este encontro tem o apoio da Associação *European Women in Mathematics* e da Sociedade Portuguesa de Matemática. A motivação para a realização da conferência prende-se com o facto de em Portugal, como em muitos outros países, as posições de topo nas universidades, e também os painéis de oradores convidados em conferências nacionais e internacionais, incluem poucas mulheres. É necessário incentivar um maior número de alunas de matemática a prosseguirem os estudos de doutoramento e a liderarem projetos de investigação. A conferência, além de dar visibilidade ao trabalho científico de mulheres matemáticas, constitui também um fórum de discussão sobre a realidade nacional no que diz respeito às questões de igualdade de género na carreira científica.

As notícias de atribuição de prémios a mulheres que fazem descobertas excecionais parecem ser acolhidas com grande satisfação por toda a comunidade matemática. Se isto contribuir para nos tornarmos uma comunidade mais solidária e inspiradora, sei que estaremos no trilho certo. A minha convicção reporta ao título deste editorial: os êxitos mudam os costumes.